

COPIA DE HUMA CARTA QUE
 escreveo da Cidade de

ARGEL

O PADRE PROCVRADOR Fr. ANTONIO DE
 Espinosa, Religiofo Calçado da Ordem da Santissima
 Trindade, & Redempção de Cativos, & Admi-
 nistrador dos cinco Hospitaes Reaes, que a sua
 Religião tem naquella Cidade:

Dá noticia nesta carta do estrago que fez na Cidade de Ar-
 gel a Armada do Christianissimo Rey de França, com
 a individuação dos lances, & ruinas que padecé-
 raõ os ditos Hospitaes:

AO M. R. P. Fr. ANTONIO SILVESTRE,
Administrador Géral dos Hospitaes da Cidade de Argel.

A V E M A R I A.



Om muy crecidos desejos se tem achado o
 meu coração de cõunicar a V.P. Reveren-
 diffima o estado em que estes novos acci-
 dentes da Guerra tem posto a estes Hospi-
 taes, & juntamente de adquirir noticia de
 sua faude, & dessa Santa Communidade, a

cujos pès, com toda a humildade, me postro, & me en-
 comendo. Porém com os lances da Armada d'El Rey Chri-
 stianissimo, de que estão tão irritados os Mouros, & nõs-
 outros padecemos não pequenas reliquias do seu furor, se
 cerrou por alguns dias o comercio de alguns Estrangeiros,
 aos quaes se pudeffe fiar por cartas a noticia do succedido,

sem se arriscar a que os Mouros as vissem; pois sempre receos dos Christãos que cá vivemos, tem grande vigilancia no que se falla, & se escreve, porque pôde mais nelles o continuo receio da sua malicia, que nõ trato dos seus captivos a experiencia do seu proprio interesse. E ainda que só he o meu intento informar a V. P. R. da destruiçam da maior parte dos nossos Hospitaes, de que resulta notavel descomodo aos enfermos, que os mais estam postos à inclemencia dos tempos por este anno, que já arruinados, só lhes ficou o nome: & que com o favor de Deos, & a caridade dos Fieis espero em sua Divina Magestade, que arrimando o grande zelo de V. P. R. o hombro, com o que alentarei todas as minhas forças, se haõ de restaurar a seu antigo estado. Com tudo isso nõ quiz deixar de referir, pois acho occasiã, os lances da Armada Christianissima, & seu combate contra esta Cidade, para que a dor de se verem perdidos os nossos Hospitaes, & o desabrigo dos enfermos, se tempere com a noticia da ruina destes inimigos de Christo.

Sabado 26. de Junho deste presente anno, chegou com toda a prosperidade a dar fundo nestes mares a Armada do Christianissimo Rey de França. Constava todo o corpo della de dezoito Navios de Guerra, bem petrechados, oito Galés, dez Valandras de lançar bombas, & outras muitas embarçaõens grandes, & pequenas pera serviço da Armada. Era seu Governador, & Capitaõ General o Mariscal de Tre. Tanto que deo fundo a Armada, & se poz á vista do inimigo, occasionou grande alteraçã, & abalo em todos os Mouros, & ao Baxã de Argel, chamado Aya Sain, & todos confusos com taõ inopinada vinda, determinãrã a todo o risco a sua resistencia, para cuja demonstraçã puzerã nos seus Castellos Bandeiras vermelhas, por final de sua obstinada defenõ, disparando para a Armada seis tiros de Artelharia. O General

ral d'ElRey Christianissimo poz os seus baixeis em ordem, & disposição de batalha : & no seguinte dia enviou ao Baxá de Argel huma carta cravada em hũa taboa, na qual lhe dizia , que tratasse bem aos Christãos, & não fizesse hostilidade aos Franceses, enfurecendose contra os inculpa-veis: & advertisse , que se lançava ao Canhaõ alguns delles , como o fez na guerra passada, por cada hum lhe avia de mandar dez Mouros mortos, daquelles que levava nas Galés. Recebeo o Baxá a carta, & respondeo com outra , em que fallava indecentemente do Christianissimo Rey de França, & lhe prometia de dar morte a todos os Franceses que tinha cativos, pela ameaça que lhe fizera com os Mouros das suas Galés. Sentiole o General com tão soberba reposta , & não obstante isto, esperou os dias que faltavaõ do mez de Junho , por ver se pediaõ a paz: & vendo que se mostravaõ na sua teima rebeldes , dispoz darlhe o castigo merecido , com a boa disposição de Guerra , que levava.

Quinta feira o primeiro do mez de Julho, ordenou que disparassem as bombas á Cidade. Começaraõ neste dia desde as cinco da manhã a disparar fogo até as duas da tarde , sem que com as muitas balas , que atiravaõ dos Castellos , pudessem os Mouros impedilo: lamentavaõ a sua ruina, quando viaõ destruir as suas casas: a gente que não era de Milicia, se retirou aos montes visinhos : & os da Cidade , vendo o seu estrago , incendiados em furor , leváraõ á Marinha o Consul Frances , chamado Andres Piol, com outros quatro da mesma Nação , aos quaes fizeram em pedaços , pondo-os à boca do canhaõ hum , & hum nesta forma: Punhaõ nos atados os pès em dous paos, a cabeça para baixo , defronte da boca do tiro, & logo disparavaõ a peça, que os dividia em pedaços. E o Consul pediu aos Turcos que o deixassem vivo , offerecendo escrever hũa carta ao seu General, para que não esbombardeas-

se a Cidade, prometendo ajustar a paz, com cujo confer-
to por então se livrou.

Sexta feira 2. de Julho não lançarão bombas, por não dar
lugar o mar, & esperar a Armada Francesa que os Mouros
se reduzissem. Neste dia escreveo o Consul a carta, pe-
dindo que se doessem da sua miseria, & os Mouros com o
Baxá fizeram que a firmasse o Padre Vigario, com outros
Capitaens cativos da sua Nação, & que dissessem nella fa-
riaõ logo a paz, com tanto, que o seu General a pedisse.
Levou a a bordo aquella noite hũa lancha de hum Navio
Inglez, que nesta occasião se achou no Porto, & foi esta
lancha a que levou a primeira carta. Vista pelo General
d'ElRey Christianissimo, respondeo: Que não podia fal-
tar â ordem que tinha do seu Rey, ainda que em Argel ti-
vera seu proprio filho, & o vira em semelhante perigo, que
se queria a paz, que puzessem bandeira branca nos seus
Castellos pedindo a, que lha concederia, fazendolhes to-
dos os partidos possiveis. Fez se notoria esta resposta ao
Baxá, & respondeo: Que não queria: que o General era
o que a avia de pedir.

Sabado 3. do dito mez de Julho, proseguindo o come-
çado, tornãrão os Franceses a lançar bombas em tanta can-
tidade, que causavaõ confusão, & espanto. Durou este
combate desde o sabado às tres da manhã, até segunda
feira â mesma hora, sem que parassem hum instante, nem
obstar â violencia das bombas a multidaõ de balas dos Ca-
stellos. Fizeram tam grande estrago na Cidade, que nam
sabião os Mouros a quem se tornar. Cheos de furor, & es-
panto deseparãrão os mais delles a Cidade, ficando muy
poucos nos Castellos, & esses violentos, pelo respeito, &
mandado do Baxá, que assistia pessoalmente a todas as par-
tes.

Neste mesmo dia puzerão na boca de hum canhaõ ao
Consul com outros quatro Franceses, & o General da Ar-
mada

mada fez o mesmo a nove Mouros de Argel, que traziam as suas Galés.

Segunda feira 5. do dito mez tornáraõ a lançar bombas sobre a Cidade; & neste dia de manhã puzeraõ na boca de hum canham ao Padre Vigario Apostolico, chamado D. Miguel Mot-Mafon, Sacerdote da Missaõ, com outros quatro Franceses, fendolhe primeiro tirado hum olho ao dito Padre Vigario com hum Alfange, & cortadas as orelhas, & narizes: espectáculo de grandissimo sentimento para todos os Catholicos, & especialmente para mim, pelo muito que o estimava, & porque tive muito que invejar no seu constante valor, para morrer, despedindose antes de mim no Hospital Real, aonde me pedio a bençam, gratificandome com amorosas vozes o pequeno obsequio, que o meu bom desejo fazia em reforçar aos que pusillanimes vacillavão na Fé. Deixoume cheio de compaixão, & arrafados os olhos em lagrimas lhe offereci, por seu firme proposito, a coroa que o esperava.

Terça feira 6. do dito mez tornou a Armada a lançar grande quantidade de bombas sobre os Mouros; & elles puzeraõ na boca de hum canhaõ ao Irmão Frey Francisco, companheiro do Padre Vigario, com outros quatro Franceses; & das Galès de França fizeraõ o mesmo a sete Mouros, & tres delles cravados em humas taboas, cortados os narizes, orelhas, & linguas.

Quarta feira 7. do dito mez repetíraõ as bombas; & os Mouros lançaõ quatro Franceses na boca de hum canhaõ.

Quinta feira 8. do dito mez tornáraõ a lançar mais bombas; & os Mouros em vingança puzeraõ dous Franceses à boca de hum tiro de Artelharia.

Sesta feira 9. do dito mez lançaõ mais bombas, & até este dia à hora que tocáraõ às Almas, desde o dia antecedente à mesma hora, foi tudo húa horrivel confusaõ.

Sabado 10. do dito mez, lançáraõ mais bombas todo o dia & toda a noite.

Domingo 11. lançou a Armada mais bombas até a segunda feira pela manhã: neste dia puzeraõ cinco Franceses na boca de hum canhaõ.

No dito Domingo 11. entráraõ no Porto de Argel com muito silencio, & resguardados com a escuridade da noite, apagados os faroes, tres Galés da dita Cidade de Argel estiveraõ occultas na paragem, que chamaõ o Rebato, até a terça feira, que as viõ o General Frances; & logo despachou os seus, a ver se as podia tomar, mas elles se abrigáraõ de hum Castellejo, que está distante da Cidade quasi hũa legoa. Eraõ tantas as balas, & bombas que disparavaõ os Navios de França sobre ellas, que pareciaõ faraiva, que chovia o Ceo. Viãõse os Christaõs, que estavam na Galé de Argel, que seriaõ quasi oito centos, atados de cinco em cinco em cadeas. Vendo o seu perigo, clamando a Deos, suspirando, & gemendo que se lhe multiplicava hum chuveiro de pancadas com que os maltravavam os Turcos, porque remavaõ, que tudo era confusão, & lastima. Durou este conflicto até 14. que foi quarta feira, em que se acabárao as bombas, & tiveram os Turcos por grande dita, & fortuna averem livrado as suas Galés de serem cativas, ou presas.

Segunda feira 12. lançáraõ bombas desde pela manhã até as dez da noite; & neste dia puzeraõ tres Franceses na boca de hum canhaõ.

Terça feira 13. lançáraõ bombas todo o dia, & noite.

Quarta feira 14. lançáraõ bombas até o meio dia; & puzeram a hum canhaõ sete Franceses. Neste dia chegou o Governador chamado Abraham Ochà, que estava em O-raõ combatendo com os Espanhoes daquelle Presidio, & mostrou sentimento de se aver dado a morte ao Padre Vigarario;

gario; porèm nem por isso tratou de paz, nem deixou de tirar a vida aos Franceses.

Quinta feira 15. lançou bombas a Armada; & em Argel puzeraõ a hum canhaõ sete Franceses.

Sesta, & Sabado seguinte não ouve operação.

No Domingo 18. se fez toda a Armada á vela, & se foi. Todas as bombas que disparáraõ nestes dias, foraõ doze, ou treze mil, de cinco quintaes cada hũa, do pézo de Espanha, que fizeram hum estrago universal, porque destruíram, & lançáram por terra mais de ametade das casas; arruináram todos os banhos, & tavernas dos Christaõs. A casa do Rey, a Alcazava, as Mesquitas, & Armazés, & dos nossos cinco Hospitales, & Igrejas só ficou sem dano o aposento do barbeiro, a maior parte da botica, & o demais ficou inhabitavel; & das casas grandes da Cidade algúas tam arruinadas, que em chovendo será muy facil darem comsigo em terra. Lançáraõ a pique cinco Baixeis que estavaõ no Porto, & hum Ingez; mas matáram muitos Turcos, & Mouros dos poucos que avia na Cidade, & Castellos, & hum pedaço de bomba cortou hũa orelha ao Baxá; & finalmente andavam os Turcos, Mouros, & Judeos chorando com as suas familias, espalhados pelos campos, & muitos delles ficáraõ pobres pelos muitos roubos, & furtos, feitos nas casas que cahíraõ por terra, que apenas ha quem conheça o sitio onde teve a sua morada.

Os Christaõs que morráram como taes, confessando a Fé de Christo que professavaõ, foraõ cincoenta, & dous, todos da Nação Francesa: os demais que ficam vivos, assim Franceses, como das outras Naçoens, a todos os puzeram em cadeia desde o dia que chegaram os Navios da Armada, excepto os que estavaõ remando nas Galés; huns assistíram nos Fonducos, outros nos jardins dos seus Patroens, outros nas masmorras; aos Sacerdotes tive escondidos no campo em habito secular, com ordem que me deo o Baxá.

Entre

Entre todos estes destroços , & fadigas , me fica por consolação para o reparo dos nossos Hospitaes , o grande zelo de V.P.R. & da assistência que espero dessa Santa Provincia , & ver que quiz a misericordia de Deos , com instrumento tam humilde , com minhas poucas forças ajudarme para acudir a tanto empenho , que para minha confusão não sei como se fez ; curei muitos enfermos ; consolei aos afligidos ; livreí a muitos da morte ; a outros a quem a turbação impedió o movimento , os conduzi ao campo ; tirei licença do Baxá (como já disse) para ocultar os Sacerdotes ; resguardei das ruínas dos nossos Hospitaes as alfayas que pude ; a maior parte da botica passei para o jardim do banho ; nam me faltou bastimento para dar de comer a todos : só o sentimento de ver estes pobres pelo chão , sem habitaçam , nem descanso em seus achaques , acrimina o cuidado de minha obrigaçam. Espero em sua Divina Magestade o remedio , & na regia piedade d'ElRey nosso Senhor (que Deos guarde) amparará a causa tanto da sua generosidade , & a V.P.R. peço com toda a humildade me ponha à obediência de todos esses Padres amigos , & lhe dé muy encarecidas lembranças , encomendandolhes em suas oraçoens , & Sacrificios a reedificação destes Hospitaes , os aumentos da nossa Sagrada Religiaõ da Santissima Trindade , que guarde a V.P.R. muitos annos , como desejo.

Argel , 16. de Agosto de 1688.

Humilde Servo , & Capellaõ que S.M.B.

Fr. Antonio de Espinosa.

—————

L I S B O A ,

Na Oficina de MIGUEL DESLANDES,

Impressor de Sua Magestade.

Com todas as licenças necessarias. Anno 1688.